

QUASE CRÔNICA

Half-way Story

Historia a Mitad de Camino

Mayara de Andrade Calqui¹  

Recebido: 14/09/2024

Aprovado: 02/12/2024

À saudosa vó Dulce

Há semanas venho pensando em coisas sobre as quais escreveria, se fosse cronista. Nada de “palavra-puxa-palavra”, Rubem Braga que me perdoe, nem de tergiversar sobre o escrever. Eu queria mesmo era ser capaz de registrar alguns instantes efêmeros.

Se eu fosse cronista, saberia fixar no papel o olhar solitário daquele moço no farol, tão sem magia apesar dos truques que realizava. Se eu fosse, falava também da calma daquele outro moço, que vende mandioca ali no bairro, de casa em casa. Comentava da minha perplexidade de menina *blasé* da cidade, diante de alguém concentrado na tarefa de descascar mandioca. Não há livro ou vídeo de *mindfulness* que me ensine aquele estado. Ou se alcança, ou não.

Se eu fosse cronista, contava daquele dia de assembleia na escola, em que muito se falou, mas quase nada se ouviu. E eu fiquei pensando com meu jaleco em como o Rubem (agora não o Braga, o Alves) tinha razão ao sugerir um curso de “escutatória”. Contava também do dia em que a borboleta laranja entrou na casa da minha avó, pouco depois da sua morte, e não queria sair de lá. Ela se deixou pegar e depois retornou, flutuando pela sala. Justo a borboleta pra derramar meu ceticismo de um golpe só, ao mesmo tempo em que alimentava o mais primitivo desejo de crença que há em mim.

Ah, se eu fosse cronista, era um jeito de tentar captar a beleza mínima dos dias. Era um compromisso de guardar até as alegrias improváveis – treinando com Miguilim a

¹ Doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada, FFLCH – USP). Professora na EJA – Prefeitura Municipal de Santo André – SP. E-mail*: m.calqui@gmail.com

sabedoria de Ditinho –, da vontade eufórica de vomitar depois de correr muito até o cheiro quentinho de pão assando no forno de casa. É pena mesmo eu não ser cronista.

Santo André, outono de 2022.